

*Graciela Dibo\**

## *Ensaio de paz: releitura feminista de Marcos 5,24-34 em círculos de mulheres\*\**

*Peace essays: Feminist rereading of Mark 5:24-34 in women's circles*

Dedicado a Suzana Pascuale, irmã e amiga no caminho da vida, com quem compartilho a inspiração de iniciar o tecido desta rede de espiritualidade.

### **Resumo**

O artigo estabelece um diálogo hermenêutico entre a experiência das mulheres da Comunidade de Sustentação à Vida e a mulher conhecida como a hemorroísa no Evangelho de Marcos (Mc 5,24-34), a partir de uma análise narrativa, fornecendo chaves interpretativas para os processos e espaços de paz na vida das mulheres.

**Palavras-chave:** Diálogo; Mulher; Paz.

### **Abstract**

The article establishes a hermeneutic dialogue between the experience of the women of the community of Arraigos for life and the woman known as the *hemorroísa* in the Gospel of Mark (Mc 5,24-34), from a narrative analysis, providing interpretative keys to Processes and spaces of peace in the lives of women.

**Keywords:** Dialogue; Women; Peace.

### **Introdução**

Este artigo é fruto de um processo de memória coletiva que envolve diversas mulheres convocadas nos círculos na Rede de Comunidade

---

\* Este artigo é fruto do trabalho em equipe, formada, em ordem alfabética, por Graciela Dibo, biblista e licenciada em teologia; Susana Pascuale, professora de filosofia (recentemente morta, 5-1-2016); Ana Lourdes Suárez doutora em Sociologia; Gabriela Zengarini, mestra em teologia, e Mónica Ukaski, doutora em medicina psiquiátrica e professora de teologia.

\*\* Artigo apresentado no II Congresso de Teólogas Latino-americanas e Alemãs, "Espaços de paz Sinais destes tempos e relatos de mulheres", realizado em Buenos Aires (Argentina) de 28 a 31 de março de 2016. Título original "Ensaio de paz" nos círculos de mulheres da Comunidade de Sustentação à Vida. Releitura Feminista de Marcos 5,24-34 a partir da prática da espiritualidade holística na perspectiva das mulheres.

de Sustentação à Vida, um espaço de busca de espiritualidade holística na perspectiva das mulheres, iniciado em 2007. É, ao mesmo tempo, um avanço da investigação que estamos realizando em equipe desde dois anos e que procura significar essas experiências e práticas para contribuir com a autocompreensão de nós que fazemos o caminho e para colaborar com o coletivo de mulheres e homens que buscam a transformação de si e do mundo na perspectiva do amor, justiça, paz e integridade da criação.

O termo hebraico *šālôm* e seu equivalente na expressão grega *êirēne* expressa um dos conceitos mais holísticos da Bíblia e uma experiência emocional achada tanto nas primeiras discípulas de Jesus como nas mulheres participantes na Comunidade de Sustentação à Vida. Como manifestação do que se tem afirmado, a comunicação tentará estabelecer um diálogo hermenêutico entre o itinerário para a paz das mulheres e a mulher conhecida como a hemorroísa no Evangelho de Marcos (Mc 5,24-34) e as experiências de espiritualidade holística na Comunidade de Sustentação à Vida vividos como “ensaio de paz”. O desenvolvimento terá três partes, tomando como referência geral o método de “dança da interpretação”, que trabalha com dois níveis: o do texto bíblico e o das práticas de mulheres (SCHÜSSLER FIORENZA, 1993, p. 52-73) (FIORENZA, 2001, p. 65-190).<sup>1</sup> Na primeira parte, o ponto de partida é da hermenêutica feminista, onde exporei algumas práticas e palavras dos círculos de mulheres que participam na **Comunidade de Sustentação à Vida**. Na segunda, uma releitura feminista do texto (Mc 5,24-34) de uma análise narrativa, e, apesar dos prejuízos e resistência ao tema, uma aproximação a partir da sociologia das emoções religiosas. Na terceira parte, finalizo com algumas pautas conclusivas. Sem tensionar os relatos para uma hermenêutica concordista, é possível detectar perspectivas comuns de interpretação feminista para os processos e espaços de paz na vida das mulheres. Proponho nos concentrarmos em três: 1) partir de si: a escuta e o amor de si nos registros corpo-texto, 2) os círculos de mulheres: espaços de construção da paz, 3) a relação com a ordem simbólica do evangelho de Jesus, libertador e transcendente.

---

<sup>1</sup> Em espanhol: *Pero ella dijo. Prácticas feministas de interpretación bíblica*, Trotta, Madrid, 1996; *Los caminos de la Sabiduría: una introducción a la interpretación feminista de la Biblia*, Sal Terra e, 2004.

## **1. O amor a si, a fé, a PAZ como poder emocional para a transformação**

Amor a si, fé, esperança, paz constituem um repertório de emoções com grande poder de transformação. Particularmente, a busca da paz ou do bem-estar é um traço característico nas espiritualidades de tipo holístico (SOINTU e WOODHEAD, 2008, p. 265-266). Essas buscas também se registram nos relatos exemplares de mulheres (exemplos) que contribuem para “ressaltar e fomentar as virtudes características dos discípulos e discípulas de Jesus e deixam a certeza de quais são as pautas essenciais de comportamento dos verdadeiros crentes” (ESTÉVEZ LÓPEZ, 2004, p. 63). É possível analisar os aspectos subjetivos por meio da indagação das emoções implicadas nesta história exemplar: a mulher fez um processo de fé que a conduziu à paz. Fé e paz são duas emoções religiosas que, não só expressam estados internos, pessoais e privados, que se geram “nas interações entre o eu e a sociedade, o eu e o símbolo, o símbolo e a sociedade” (RIIS e WOODHEAD, 2010, p. 7). Essa perspectiva sociológica permite aprofundar a interação dinâmica entre os crentes, a comunidade e a ordem simbólico-alternativo que constitui o evangelho. A abordagem multidimensional amplia a compreensão sobre as emoções, que é mais do que entendê-las somente como campos de forças sociais e sentimentos coletivos (reducionismo sociológico), ou como estados psíquicos internos (reducionismo psicológico) e muito menos como meros guias sociais a cumprir em cada sistema simbólico (reducionismo simbólico) (RIIS e WOODHEAD, 2010, p. 12-13). Vendo as interações sociais como “campos de força que repelem e conduzem a harmonias, tensões e erupções”, essenciais para a resposta constante e a intervenção corporalmente ativa no mundo”, adverte-se que o emocional não se restringe ao coração e ao cérebro de alguém, mas integra ao “fluxo da vida social e simbólica” (RIIS e WOODHEAD, 2010, p. 22). A vida emocional é constitutiva à construção do poder e esta história tem a ver com o poder de uma mulher crente. “Falar do poder é falar da capacidade de marcar uma diferença no mundo”, e o falar “das emoções como sentimentos, sensações, evolução, motivação e instâncias relacionais” incrementa a noção da “potência” que elas têm” (RIIS e WOODHEAD, 2010, p. 147).

## ***2. Práticas e palavras nos círculos de mulheres da comunidade de sustentação à vida***

Comunidade de Sustentação à Vida é um caminho de busca de espiritualidade holística na perspectiva de mulheres através de uma rede interconectada de círculos de mulheres emergentes em diversas cidades e zonas do país. Os círculos se autoconvocam livremente em conexão com a rede e integram mulheres com diversidade de idades, procedência étnico-cultural, formação e filiação religiosa ou não. A partir de uma liderança circular, democrática e feminista, a experiência nos círculos se realiza explorando linguagens e pedagogias de exploração corporal que favorecem a autoconsciência, a reflexão compartilhada e o empoderamento para atuar significativamente na trama social. Desde uma perspectiva ecumênica e aberta a diversas fontes de sabedoria presentes no coletivo de mulheres que integram os círculos, releem-se e reinterpretam-se de maneira crítica e criativa os mitos, as crenças e os arquétipos femininos que impactam a subjetividade. Uma prática central nessa busca de sabedoria é a hermenêutica bíblica que inclui metodologias de tipo holístico, como o bibliodrama, em estreita conexão com a exegese na perspectiva feminista.

### ***2.1 Os círculos de mulheres como mediação da ordem simbólico-feminina***

Rebeca M., participante nos círculos de Comunidade de Sustentação à Vida, antes de saber que havia um congresso dedicado ao tema, interpretou espontaneamente a experiência de espiritualidade na Comunidade de Sustentação à Vida como um espaço para fazer “ensaios de paz”. Celebramos essa sincronia de buscas e nos colocamos a pensar o que significava isso. Algumas mulheres expressaram que a experiência de paz tem a ver com o poder ter cada uma sua palavra e falar a partir da conexão emocional e empática, sentindo-se escutada e respeitada. Nas palavras de Rebeca, os círculos da Comunidade de Sustentação à Vida são “ensaios de paz” porque:

Cada um tem sua palavra, falo e digo o que nasce daqui (mostrando o coração), porque me sinto cem por cento respeitada... produz-se alegria, a conexão e empatia, satisfação espiritual que não se encontra nem sequer nas missas... em outros espaços me entedio e saio enojada porque trabalham com as necessidades, não com os desejos e isso faz a diferença... vivenciar os ciclos da vida-morte-vida no próprio corpo me deu paz para transitar e acompanhar os nascimentos, criações, sustento e a morte de pessoas ou grupos... (Rebeca).

É a atenção ao particular ou singular, a escuta dos próprios desejos e o cultivo do amor a si mesma o que constrói um espaço simbólico para significar a liberdade. Essas práticas do partir de si e tomar a palavra, falar a partir da conexão emocional e empática, de respeitar a diferença a partir do amor a si mesma levam Fabiana a dizer que “Comunidade de Sustentação à Vida é o mais próximo e verdadeiro à vida diária de cada mulher”. A experiência do verdadeiro para as mulheres é possível quando se constrói ou reconstrói a ordem simbólica feminina, quando há espaço para restaurar as trajetórias ruins e quando as experiências situadas de ser mulher se assumem como critério de verdade e de autoridade. Nesse sentido, os resultados parciais da investigação quantiquantitativa que se está levando à frente, lançam, antes, outros dados significativos que vale a pena enunciar para aprofundar o significado de “ensaios da paz”. As participantes nos círculos da Comunidade de Sustentação à Vida expressam experimentar sentirem-se “emocionadas” e com “energia” e com “vontade de voltar a participar”. O “amor”, o “carinho”, a “autovalorização”, a “expectativa”, o estar “contente” e “feliz” são emoções potentes que impulsionam transformações pessoais e mudanças nas suas proximidades de influência. Constatamos que a conexão emocional provoca “vitalidade” e “empoderamento” frente à “liberdade”, à “sabedoria”, ao “sentido da vida”, “na relação com Deus e com os outros”.<sup>2</sup> A partir dessas aproximações, pode-se pensar que a experiência dos círculos de mulheres da Comunidade de Sustentação à Vida produz uma revolução que é de ordem simbólica:

---

<sup>2</sup> Dados parciais da investigação quantiquantitativa sobre a experiência de espiritualidade holística COMUNIDADE DE SUSTENTAÇÃO À VIDA, obtidos por “Questionário semiestruturado da Comunidade de Sustentação à Vida – Zona Buenos Aires (La Reja Grande-Moreno; El Talar-Pachego; Haedo-El Palomar; J. C. Paz; Lugano)”. Respostas das participantes ao pedido de mencionar três palavras que caracterizam a experiência. A classificação das respostas fez-se em base de três possíveis categorias que emergem do conteúdo das mesmas: *emoções (atitudes em alguns casos)*, *relações*, *processo que produz a experiência e a valorização da experiência*. Quando há mais de uma eleição por palavra assinala-se com o número seguido da letra “x” (exemplo: 2x significa: mencionada duas vezes). **Resumo da 1ª palavra mencionada:** *Emoções:* amor, emocionada, feliz. *Relações:* abertura, escuta, acompanhamento, companhia, comunicação, controle. *Processo que produz:* crescimento (2), excelente crescimento, encontro consigo mesma, interiorização, pensar, educativo, sabedoria, unidade, libertação (2x), relação com Deus – com os outros. *Valorização da experiência:* muito boa (2), enriquecedora, clara, positiva, incomparável. **Resumo da 2ª palavra mencionada:** *Emoções:* paz (2x), carinho, sentir, valorizando-me, contente. *Relações:* escuta, respeito, tecendo redes de vida. *Processo que produz:* enriquecimento (2x), aprendizagem, sentido holístico, conexão, conhecimento, crescimento, empoderamento, revelação, valorização da vida. *Valorização da experiência:* plena, profunda, sublime, vitalidade. **Resumo da 3ª palavra mencionada:** *Emoções:* com vontade de voltar a participar, energia, expectativa. *Relações:* abertura, ajuda, hospitalidade, igualdade, caminho em movimento. *Processo que produz:* sustentação do ser, mudança, caminho para dentro; encontro profundo consigo mesma, descobrir-me, vivência corporal integral, escolhendo-me, liberdade, sabedoria. *Valorização da experiência:* edificante, com sentido, útil.

As implicações desse processo são como elementos essenciais de seu próprio fazer, as ações, os pensamentos e as palavras das mulheres que fazem o possível, que o vivem, que o encarnam, de maneira que não há uma ordem das coisas e uma ordem de pensamento, justapostos, mas há uma ordem simbólica em que vão juntas as práticas, os desejos de cada mulher e as coisas materiais (TOMMASI, 2000, p. 78).

## ***2.2. Partir de si: a escuta e o amor de si***

Essa revolução simbólica é o que toma conta dos pensamentos, das palavras, dos desejos de cada mulher em um contexto de escuta amorosa e o legitima com o respeito. É uma fonte de paz. No dizer das participantes, essa experiência acontece na prática a partir de si como mediação holística para o autorreconhecimento, a cura e o cuidado mútuo. Disse Norma que “o partir de si nos ajuda à coerência entre o que sentimos, pensamos e fazemos... ajuda a nos conhecermos e a nos conectar conosco mesmas, a curar feridas, a cuidarmos umas das outras, nos ajuda a construir em nós a paz”. A prática do partir de si implica a exploração da corporeidade em suas diversas dimensões, já que “o corpo possibilita um acesso privilegiado à vida interna das emoções e do espírito” (SOINTU e WOODHEAD, 2008, p. 265). O acesso é mediado pelas linguagens e pedagogias de exploração corporal das diversas disciplinas como a bioenergética, a biodança, a dançaterapia, expressão artística e psicodrama.

O partir de si não é a experiência intimista de um eu feminino isolado, independente, mas é fundamentalmente um partir de si relacional, que é assim desde o nascimento. O partir de si e falar em primeira pessoa é uma “prática herdada do movimento das mulheres”, uma ação “eficaz e radical” que contribui com um “maior sentido feminino” porque tem:

A capacidade de pôr em primeiro lugar as relações humanas, e em primeiro lugar as relações entre mulheres, não tanto como conteúdo psicológico, mas como intercâmbio simbólico, lugar de intercâmbio de palavra e de ação, de busca de mediações que se fazem humana e (sociais) – coerente e mais rica –, a convivência: a capacidade de converter-se em mediação viva no contexto, pondo em jogo desejos, paixões, experiências pessoais (PIUSSI, 2000, p. 12).

A prática do partir de si, sustentada na prática das relações de diferença entre mulheres, que toma como medida simbólica a relação de diferença com a mãe é o que permite a relação de autoridade com outras mulheres, reconhecendo sua grandeza sem sentir-se diminuí-

da e menosprezada, mas “sabendo que o que essas grandes mulheres conseguiram conquistar para si é também uma conquista para todo o sexo feminino” (TOMMASI, 2000, p. 73). A consciência da diferença e a disposição a assumi-la, como mediação de autoridade feminina, desmente o mito da igualdade e da rivalidade entre mulheres que têm servido à dominação patriarcal. A diferença (de idade, de origem cultural, de formação, de procedência social, de militância política ou não, de pertença religiosa) assim assumida é radicalmente transformadora, fazendo que as mulheres sejam “capazes de julgar sua relação com o mundo, mantendo-se fiéis a si” (TOMMASI, 2000, p. 76). As relações entre mulheres onde a diferença é vista como uma potência simbólica e não como uma ameaça permite que aflorem os medos mais profundos e também os instrumentos que propiciam a sua transcendência. Os temores mais recorrentes nas mulheres consultadas foram “um medo da exclusão”, o “isolamento”, a “perda da liberdade de expressão”, e “ter que silenciar a própria palavra”. A raiz de muitos desses temores está na autolimitação e na ausência do amor a si mesma. Quando se vive o amor a si como um oposto ao amor ao próximo e não como condição de possibilidade para que se possa doar-se, esse amor não se converte em uma mediação de transcendência eficazmente transformadora. O relato que vamos reler desenvolve narrativamente essa perspectiva (NAVARRO PUERTO, 2004).

### ***3. A relação com a ordem simbólica do evangelho de Jesus, libertador e transcendente***

Alejandra expressa que a experiência de paz se dá no “poder de falar a partir das experiências mais profundas sem ser julgada” e especialmente quando “as leituras e o corpo estão de acordo”, então ela pode dizer: “já não sinto que estou louca. A paz de reconhecer-me e reconhecer as outras”. Essa experiência de não ser culpada faz que seja possível a paz, já que “a paz é incompatível com a culpa” (NAVARRO PUERTO, 2004, p. 12). Essa experiência é fruto da hermenêutica feminista da interpretação bíblica. O partir de si mesma reconhecendo a própria verdade e a prática da diferença com outras mulheres permite reconhecer a autoridade da experiência de outras grandes mulheres e seus exemplos com os quais se pode identificar. Na leitura feminista da Bíblia, “as grandes mulheres” ou exemplares, transformam-se em medida simbólica para a transformação de si e do mundo.

Uma aproximação da valorização dessa prática a partir do primeiro nível do processamento dos dados, indica que a metodologia “com olhos de mulher”, ao assumir a linguagem experiencial emocional, permite perceber a “palavra que atravessa e se experimenta com o corpo, com profundidade”, “respeito”, “leva à vida”, “fazendo-se vida”. A experiência tem a capacidade de produzir “crescimento”, “empoderamento”, e por isso alcança a conotação de ser “reveladora”, “libertadora”.<sup>3</sup>

### 3.1. Itinerário para a paz. Releitura feminista de Marcos 5,24-34

A história exemplar que vamos ler comprova que a mudança que traz o evangelho acontece *imediatamente* (5,29) resultado do contato com Jesus. Para evitar mal-entendidos, é preciso eliminar a ideia de que o texto trabalha o conflito entre pureza e impureza por causa das leis de Levítico 15. As estudiosas feministas têm comprovado que o extraordinário do milagre não se refere à superação da impureza que recaía sobre as mulheres que menstruavam. A história destaca que o *sofrimento* (5,26) constituía um tormento para ela (5,29.34), que não se trata somente da *cura* (5,30), mas da salvação e libertação (5,28.34), que o sinal desta é que a *fonte secou* (5,29).

Ele o acompanhou e numerosa multidão o seguia, apertando-o de todos os lados. Ora, certa mulher que havia doze anos tinha um fluxo de sangue e que muito sofrera nas mãos de vários médicos. Tendo gasto tudo o que possuía sem nenhum resultado, mas cada vez gastando mais, ouvira falar de Jesus. Aproximou-se dele, por detrás, no meio da multidão, e tocou seu manto. Por que dizia: “Se ao menos

---

<sup>3</sup> Dados parciais da investigação quantiqualitativa sobre a experiência de espiritualidade holística COMUNIDADE DE SUSTENTAÇÃO À VIDA, obtidos por “Questionário semiestruturado de Sustentação à Vida – Zona Buenos Aires (La Reja Grande-Moreno; El Talar-Pachego; Haedo-El Palomar; J. C. Paz; Lugano)”. Respostas das participantes ao pedido de mencionar três palavras que caracterizam a leitura da Bíblia na Comunidade de Sustentação à Vida. A classificação das respostas se fez em base de três possíveis categorias que emergem do conteúdo das mesmas: **Resumo da 1ª palavra mencionada:** *características:* aberta, aberta e concreta, atualizada, expressiva, feminina, humanista. *Metodologia:* com olhos de mulher, clara, muito clara, atenciosa, com o corpo e a emoção, palavra que atravessa e se experimenta no corpo, com profundidade, profunda, com respeito, dinâmica, participativa. *O que produz:* compreensão (3x), conhecimento, entendimento, crescimento, empoderamento. *Valorização da experiência:* Libertadora. **Resumo da 2ª palavra mencionada:** *características:* atualizada, compreensível, expressiva, holística, profunda. *Metodologia:* com olhos de mulher (2x), contextualizada, escutar e levar à vida, fazendo-se vida, nos ensina. *O que produz:* apoio, mudança de perspectiva, desmistificação, entendimento, espiritualidade, união. *Valorização da experiência:* mobilizadora (2x), libertadora, reveladora. **Resumo da 3ª palavra mencionada:** *características:* do cotidiano, feminista, nos atravessa, profunda, profundidade. *Metodologia:* Bibliodrama, contextualizada, situada, suspeita, abre a porta para personagens e feitos que não estão escritos. *O que produz:* crescimento, iluminação, imitação. *Valorização da experiência:* comprometedora, sabedoria, valorização.



tocar suas roupas, serei salva”. E logo estancou a hemorragia. E ela sentiu no corpo que estava curada de sua enfermidade. Imediatamente, Jesus, tendo consciência da força que dele saíra, voltou-se para a multidão e disse: “Quem tocou minhas roupas?”. Os discípulos disseram: “Vês a multidão que te comprime e perguntas ‘Quem me tocou?’”. Jesus olhava em torno de si para ver quem havia feito aquilo. Então a mulher, amedrontada e trêmula, sabendo o que lhe havia sucedido, foi e caiu-lhe aos pés e contou-lhe toda a verdade. E ele disse-lhe: “Minha filha, a tua fé te salvou; vá em paz e fique curada desse teu mal”.

### 3.2. *Círculos de mulheres no discipulado feminino das origens*

Das três chaves de interpretações assinaladas, a que se refere aos círculos de mulheres não aparece explicitamente no relato, não ao menos no nível da história contada, já que o narrador não nos informa nada específico sobre os grupos que pertence a mulher. Tendo em conta que o procedimento cultural habitual para lutar contra a enfermidade na sociedade mediterrânea antiga era grupal, um assunto da família, ou da vizinhança (Mc 2,3-12; 3,21), chama a atenção que a mulher apareça sozinha, sem nenhum familiar ou referência comunitária corresponsável com ela. Em geral, isso foi interpretado como um dado a favor da autonomia da mulher anônima frente ao seu processo de cura. Porém, também, cabe a suspeita crítica sob o silêncio desse aspecto. Por isso, para que o diálogo entre as práticas do movimento de Jesus e as atuais não se torne obscuro, deve-se trabalhar com a reconstrução da memória histórico-crítica na perspectiva feminista buscando as vozes silenciadas.<sup>4</sup> Assinalarei dois pontos para recuperar a experiência coletiva das mulheres: 1) a oralidade e a memória do discipulado feminino pós-pascal. 2) a recepção da história nos apócrifos.

1. Existem critérios para desvendar os aspectos da oralidade em que surgiram esses relatos e os estágios que correspondem à fixação escrita. A história dessa mulher anônima, uma *chreia*, ou história exemplar sobre seu processo de mudança, formava parte de uma série, anterior ao Evangelho de Marcos, sobre os feitos extraordinários protagonizados por Jesus como curandeiro e exorcista no encontro com outras pessoas necessitadas de transformação. A memória coletiva selecionou essa história contracultural (DEWEY, 1993). Talvez porque além dos temas chaves da identidade cristã como a fé e a confiança, também mostra o extraordinário do proceder feminino que vence o temor e a resignação fatalista do seu estado, suportando o que lhe tem acontecido para recorrer a caminhos de busca, alguns ineficazes, que fizeram parte de um itinerário para chegar à paz. Chamam a atenção três palavras que o evangelista somente usa para a hemorroísa e para a experiência de Jesus durante sua paixão: corpo (sw/ma/sōma: 5,29; 14,8.22; 15,43), sangue (ai-ma/haima: Mc 5,25.29; 14,24) e muito sofrimento (pa,scw/páskhō 5,26; 8,31, 9,12). Isso

---

<sup>4</sup> Schüssler Fiorenza, *Wisdom*, p. 183-186.

tem levado a pensar que a vinculação da história da mulher com a paixão de Jesus havia sido transmitida em *círculos de discipulado onde as mulheres seguiram a Jesus de perto desde a sua morte e ressurreição* (ESTÉVEZ LÓPEZ, 2004, p. 57-58). Por ser uma história unida ao sofrimento de Jesus em sua paixão, sinaliza que a tradição oral foi formalmente controlada pelas comunidades organizadas e encarregadas de sua fixação escrita, especialmente, pelo rol das elites masculinas. Sem dúvida, “as marcas da oralidade nas histórias de cura de mulheres nos evangelhos parecem resistir à dinâmica patriarcal e androcêntrica que impuseram estas tradições posteriores” (ESTÉVEZ LÓPEZ, 2004, p. 57). O monólogo interior e o registro corporal de sua cura poderiam ser testemunhos dessa resistência, como veremos. De outro modo, é possível pensar também que esses relatos de transformação das mulheres, que não aparecem na lista dos milagres referidos a homens (cegos, surdos, mudos, coxos, cf. Is 35,5-6) tenham uma fonte não literária (DEWEY, 1993, p. 191-193), possivelmente vinculada a círculos femininos que buscavam histórias exemplares (ESTÉVEZ LOPES, 2004, p. 57-58) para identificar-se como mulheres crentes. Pela limitação deste artigo, basta mencionar o exemplo da resistência esquecida da identidade das discípulas. Este é o trabalho da memória posterior realizada nos textos apócrifos (escritos eclesiásticos e manuscritos medievais). Neles, a tradição cristã faz a recepção dessa história exemplar e resistindo ao anonimato das mulheres, lhes dá o nome de Berenice<sup>5</sup> ou Verônica<sup>6</sup>. O desenvolvimento dessas tradições ficará para um trabalho posterior.

Voltando ao texto, não é possível saber se a solidão da mulher é causa ou consequência de seu problema. A história forma parte da lista em que “muitas mulheres com as quais Jesus interage aparecem às margens da estrutura familiar tradicional patriarcal”.<sup>7</sup> Em todo caso, em meio às muitas interpretações possíveis, seria interessante questionar a ausência das outras, dos pares, das semelhantes em quem poderiam apoiar-se e confiar. A ausência das outras enfatiza “os efeitos negativos

---

<sup>5</sup> Os textos apócrifos onde aparece com nome: 1) *Atos de Pilatos*, Texto do século II, porém reformulado e editado até o IV-V. 2) Em *A relação de Pilatos*, na literatura A s. IV a localização da cidade de Cafarnaum, e na literatura B na cidade de Paneas. 3) No *O Livro da Ressurreição do Senhor segundo Bartolomeu*, versão copta que procederia do s. V-VI, também a chama Berenice e a localiza junto às mulheres que foram ao sepulcro no primeiro dia da semana: Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, Salomé, Maria e sua irmã Marta, Joana esposa de Cusa, Berenice, que foi curada do problema de sangue em Cafarnaum e Lia, a viúva cujo filho ressuscitou em Naim. O mesmo nome de Berenice é confirmado por escritores eclesiásticos como Eusebio de Cesarea-*História Eclesiástica* 18; João de Antioquia (498-578).

<sup>6</sup> A lenda de Tibério sobre Verônica (s. VIII), *Cura Sanitatis Tiberii* (Cura de Tibério através de um lenço), A lenda de Verônica, que foi retocada e editada no período medieval. Fala de Verônica de Tiro, curada de hemorragias de sangue, que por amor mandou pintar o rosto de Jesus em Jerusalém onde tinha sua casa. Também há manuscritos desde o s. X ao XV que recorrem à história de Verônica. Logo, nos séculos XII-XIII se desenvolve um tipo de narração que vincula Verônica com a Paixão de Cristo.

<sup>7</sup> Por exemplo, também de Mc 5,25-34; 12,41-44; 14,3-9; Lc 7,11-17.36-50; 10,38-42; 13,10-17 (RINGE, 2002, p. 89).

do poder ignorado” que a leva a transferir a energia fora de si mesma crendo que os varões teriam o poder e a sabedoria para a sua cura. A consequência mais profunda de ignorar o próprio poder negativo e devastador para as mulheres é o desmoronamento do amor a si mesma.

### 3.3. Partir de si: diz-se para si

Mesmo que na narrativa só se tenha mencionado que ela sentiu medo no final da história, é plausível pensar que a protagonista experimentou o medo ao longo de todo o seu processo. O medo é uma das principais emoções e necessário para a vida porque revela um valor de grande importância: indica um juízo de valor de que a perda pode ser total, e a partir daí, produz a tomada de consciência sobre a necessidade de atuar para mudar o mundo a fim de que o medo já não tenha mais lugar. “O que inspira medo é a ideia de danos iminentes que dilaceram o núcleo” dos valores e projetos mais desejados” (NUS-SBAUM, 2008, p. 53).<sup>8</sup>

Na mentalidade antiga, o risco da perda total representa o estado crônico de uma enfermidade que estava associada à morte (NAVARRO, 2006, p. 90). Por isso, o texto não fala de impureza, mas de *enfermidade* (ma, stigoj/ mástigos). Tampouco, fala só de cura, mesmo que efetivamente esta aconteça (*sentiu que estava curada* //i;atai, 5,29), senão de salvação (*me salvarei*, swq̄h, somai/sōthēsomai 5,28). Ao falar e esperar a salvação/libertação, saúde física integral e espiritual, está enfrentando seu medo mais profundo, a morte. A perda de sangue, por sua associação com a vida, indica que a mulher estava embaixo das sombras da morte. A longa enfermidade e o fracasso médico a conduziam à morte em vida, impedindo-a de ser/ mulher plena. Por isso, ela e Jesus entendem o mesmo, falam de “salvação” (5,26.34) que é um conceito mais holístico integrador que de uma mera cura. A libertação do tormento realizada em seu corpo (5,29) é confirmada por Jesus *a tua fé te salvou; vá em paz e fique curada deste mal* (5,34).

O princípio da libertação está dentro dela e no partir de si, mesmo que não seja de todo consciente. Sabemos isso pelo monólogo interior apresentado pelo narrador onisciente, um recurso narrativo pouco usado na Bíblia.<sup>9</sup> Em geral, os narradores não se interessam pelos aspectos

---

<sup>8</sup> Original em inglês: *Upheaval of Thoughts*. Cambridge University Press, 2001.

<sup>9</sup> Em geral, o ponto de vista das histórias é a terceira pessoa. O narrador de Marcos não usa nem o pronome: “eu” nem o reflexivo “mim”. Como é típico dos narradores bíblicos, não nos revela o que Jesus ou Jairo pensam (LOSTRACCO y WILKERSON, 2008, p. 25).

internos subjetivos, somente os que destaquem os processos de fé grupal e comunitários. Sem dúvida, o narrador do Evangelho de Marcos afirma que a mulher “dizia<sup>10</sup> para si: ‘se ao menos tocar suas roupas, serei salva’”. No nível da história contada, ela decide tocar o manto de Jesus para entrar em contato com o seu poder de cura-salvação. No nível do discurso, o verbo técnico escutar (avkou,w/akouō) sinaliza a legalidade do discipulado feminino pós-pascal que entra também, como a mulher, em relação com a ordem simbólica do evangelho de Jesus. Em ambos níveis narrativos, assinalam a relação dialética de ida e volta entre as mulheres e o evangelho de Jesus como símbolo religioso com poder para a transformação. Elas compreenderam que devem transformar o mundo de relações e valores simbólicos para que o medo não tenha mais lugar.

### 3.4. A ordem simbólica do evangelho de Jesus

O contato com Jesus e a nova ordem simbólica que ele propõe produzem a transformação desejada: *e logo estancou a hemorragia. E ela sentiu no corpo que estava curada de sua enfermidade* (5,29). A narrativa nos oferece dupla informação: – primeiro faz referência ao ato (e logo estancou a hemorragia) e em seguida à interpretação subjetiva (e ela sentiu no corpo que estava curada) – o corpo aparece como fonte de conhecimento, espaço relacional e por isso sede de conflitos/enfermidades. Mas também, isto é parte da novidade que atua na transformação, é terra fértil para desenvolver o poder e a relação de confiança. É “dentro de seu corpo e de sua mente” onde está “esta sabedoria que habita no plexo solar na região uterina”. Desde aí arraigada “na confiança de si e do outro” (NAVARRO, 2006, p. 13-14). E assim se liberta.

A partir da intertextualidade, a experiência da mulher conecta-se com a experiência da sulamita de Cânticos. Elisa Estávez e Mercedes Navarro veem que a menção à hemorragia (phgh,pēgē) faz referência às crenças sobre sexualidade feminina. A condição de hemorragia permanente aponta primeiro à menstruação, mas também implica que sua sexualidade feminina estava fechada. Assim o indica o eufemismo do noivo para falar da sexualidade de sua amada: *és jardim fechado,... uma fonte lacrada* (kekleisme,nojphgh./ *kekleisménospēgē*, LXXCt 4,12). O pano de fundo evocativo de Cânticos é paradoxal e por isso admite

---

<sup>10</sup> O verbo dizer está no imperfeito contínuo (e;legen) e indica que ela dizia ou se dizia a si mesma ou a outros.

um significado positivo: dado que a mulher aparece sozinha, refere-se à heterossexualidade e não somente ao matrimônio e à família, conectando-a, assim, com o prazer e o amor corporal. Tendo em conta os interesses androcêntricos dos relatos bíblicos, essa informação dos registros corporais femininos tem um caráter excepcional. Poderia ser indício das experiências reais vividas pelas mulheres em seus encontros com Jesus, antes e depois da Páscoa, cuja força transformadora transcendeu os processos de controle da memória coletiva. É uma informação que se ela(s) não a dá(ão), dificilmente pode ter acesso um observador externo, por mais próximo e íntimo que este possa estar. O narrador onisciente suplanta a voz da mulher, porém, abre-nos a porta a essa fonte de experiência.

Então a mulher amedrontada e trêmula (*fobhqeí/sa / phobētheísa*<sup>11</sup>*kai. tre,mousa /kaitremousa*), sabendo o que aconteceu nela, *se prostra aos pés de Jesus e lhe conta a verdade*. Ela, por fim, “superou seu medo e deu testemunho de quem é Jesus e sua fé nele” (ESTÉVEZ LOPEZ, p. 69). Com seu gesto de prostrar-se, manifesta o reconhecimento dela frente sua autoridade. Antes, temia pela impossibilidade de vida plena como mulher, agora, pela possibilidade de inserção social plena. A emoção do medo que ela experimenta, com claras repercussões corporais, deve ser vista não só como algo que ocorre em seu interior, algo privado e subjetivo, mas também como fruto da interação social. É que ela teve um “comportamento impróprio” ao aproximar-se e tocar Jesus, não pela questão da impureza. A tensão entre querer manter-se anônima e a insistência do curador em que se dê a conhecer, poderia indicar que ela foi mais além das atribuições esperadas para as mulheres: estar na casa, ao redor de sua família, tímida, modesta e tranquila (COTTER, 2001, p. 57-58). Ao contrário, a situação de perigo e de medo que perde completamente a motiva a atrevimentos impróprios segundo os cânones estabelecidos para o comportamento das mulheres nas sociedades patriarcais.

Porém, Jesus também faz a experiência do corpo como lugar da verdade. Por isso, a convida a revelar-se a si mesma legitimando assim

---

<sup>11</sup> Nesses textos, a sequência 4 a 6, o verbo *phobeō* faz referência a essas histórias de milagres. O temor pode ser sentido frente a algo novo e que coloca em risco a vida (a tempestade em alto-mar). Os quase náufragos o experimentam ao ver o poder de Jesus frente à natureza. Porém, também, é quando chega a bonança que sentem medo (Mc 4, 41). A comunidade dos gerasenos tem medo ao ver o resultado do exorcismo (5,15-17). O medo se apresenta quando sobrevém a “paz”? É um medo que provoca a negação da vida, da luz. O grupo não pode chegar à paz. Ele não soube lidar com a vida nova que estava se manifestando, e por isso a nega.

seu atrevimento. Ela cumpriu seu plano passo a passo, porém, necessitava completar o processo. Jesus registra corporalmente o contato e intercâmbio provocado pela mulher, e a partir desse saber corporal holístico, desestabiliza seu plano de ocultamento. Ao perguntar por sua identidade e confirmar sua fé, Jesus protege a honra da mulher (COTTER, 2001, p. 60). Chamando-a de filha (quga,thr /thygáter) e reconhecendo sua fé, legitima sua honra publicamente. A relação com Jesus e o evangelho eleva seu estatuto de pertença ao Povo da Aliança. É a única mulher na Bíblia que busca saúde por si mesma e para si mesma e a única a quem Jesus chama “de filha”.

A declaração de Jesus manifesta o dinamismo sociorreligioso da fé como resposta sócio-emocional-religiosa que supõe várias ações subjetivas transcendentais. Ela havia *escutado* sobre Jesus, havia *discernido* e havia *decidido* mudar sua vida. Não havia que pensar que o breve monólogo interior representaria somente a dimensão subjetiva interna, já que indica um dinamismo nitidamente relacional. A fé implica uma interação simbólica de grande transcendência: ela *percebeu* o poder de Jesus e sua convocação a romper fronteiras sociais em prol da vida e das pessoas por meio das curas e exorcismos de Jesus.<sup>12</sup> A referência à escuta e ao diálogo interno também sugere a ideia de sua *compreensão intelectual*<sup>13</sup> acerca das novidades do evangelho. Sua capacidade para *valorizar eticamente* o que Jesus propõe, *aceitá-lo* e, finalmente, *aderi-lo* (RIIS e WOODHEAD, 2010, p. 99). A mulher tem feito um processo de significação sobre o poder de Jesus e tem esperança<sup>14</sup> que pode transformar-se ficando livre não somente de sua enfermidade, mas de suas estruturas de temor (COTTER, 2001, p. 60).

O final da história conclui com a expressão de Jesus: *minha filha, a tua fé te salvou; vá em paz e fique curada deste teu mal* (5,34). Porém, o que é a paz para essa mulher? A dupla resposta de Jesus expressa o que poderia entender-se, em primeira instância como saudação<sup>15</sup> habitual no mundo semítico u[pageeivjeivrh;nhn/vete em paz. A expressão grega

<sup>12</sup> Exorcismo de um endemoninhado (Mc 1,21-28); cura da mãe de Pedro (Mc 1,30); cura de um leproso (Mc 1,40-45); cura e perdão dos pecados de um parálítico (Mc 2,1-12); expulsão de um endemoninhado em Gerasa (Mc 5,1-20).

<sup>13</sup> “Las emociones son acerca de algo y suponen un objeto. La relación de las emociones con el objeto es interna y entraña una manera de ver. En el temor, uno se percibe a sí mismo o a aquello que uno ama como seriamente amenazado” (NUSSBAUM, 2008, p. 50).

<sup>14</sup> “En la esperanza, nos vemos o vemos a quienes nos importan como inmersos en la incertidumbre, pero con muchas probabilidades de que se produzca un buen resultado” (IBIDEM).

<sup>15</sup> A expressão pertence às despedidas (Ex 4,18; Jz 18,6; 1Sm 1,17; 22-24.25-35; 2 Rs 5,19). É uma fórmula de confiança e despedida que incentiva a ir no caminho sabendo da companhia de Deus (Jz 18,6) cf. Hendriksen, NTC (*New Testament Commentary*), NIGTC, p. 238.

eivrh,nh/*eirene* possui um conteúdo tão rico que é impossível reduzir a um só significado. Dado que Jesus falava aramaico, o significado mais próximo é do termo hebraico *šālôm*, o bem-estar da alma e do corpo.<sup>16</sup> Sempre tem a ver com a prosperidade e com o bem-estar do ser humano e da sua salvação. Na piedade judia do Antigo Testamento o termo é empregado para expressar todo dom dado por Deus em qualquer esfera da vida. Sem dúvida, não se registra a ideia de uma atitude espiritual de paz interna; e mesmo que não se refira a algo oculto, o interno sempre é algo que se pode ver. Por sua vinculação às relações grupais e ao contexto da aliança, é um conceito social.<sup>17</sup> Na versão da LXX, tem a ver com o bem-estar externo, como saudação habitual como ir e vir na vida cotidiana. Na memória que faz Marcos nos encontros de Jesus com as pessoas, aparece essa expressão, que se, em princípio, pode-se interpretá-la como uma saudação semítica habitual, sem dúvida está carregada com um sentido de que a paz é um dom que Deus dá e que se pode aceitá-la ou negá-la (Lc 10,5; Mt 10,13). A paz que Jesus lhe deseja está determinada pela relação de fé-confiança da mulher frente a ele. É uma resposta de reciprocidade dada no intercâmbio de poder. Ela vai ao encontro dele com fé, porém, Jesus não a faz depender dele, mas dela mesma. É chamativo que Jesus não realize qualquer mandato missionário ou de compromisso solidário. Esse aspecto é libertador para a vida das mulheres, já que sugere a ideia de que o bem-estar (*šālôm*) de uma mulher é um bem-estar em si mesmo, pertence à ordem simbólica do evangelho como boa notícia para as mulheres.

#### ***4. A PAZ construída a partir da espiritualidade holística na perspectiva das mulheres***

Todo o percorrido até aqui apenas soma-se à profundidade das experiências vividas de nossas antepassadas e de nossas próprias experiências. Construir significados a partir delas é um desafio sempre inacabado. Sem dúvida, são necessárias as amarras da linguagem para que as experiências das mulheres não fiquem órfãs da ordem simbólica feminina. Com esse desejo é que tentarei esboçar algumas pautas, que emergem dos relatos, para continuar fazendo “ensaios de paz” a partir da espiritualidade holística na perspectiva das mulheres.

---

16 Hendriksen, NTC (New Testament Commentary), p. 210.

17 Cf. TDNT, G. VON RAD, *~wlv* in the Old Testament, p. 402-406.



A busca da *cura-salvação como expressão de paz e bem-estar* é uma constante nos círculos de discipulado feminino, tanto nas comunidades cristãs primitivas como nas práticas contemporâneas de espiritualidade holística. A experiência de paz, o bem-estar integral não depende somente da determinação para alcançá-lo, mas é uma construção que fazemos em relação com as outras, iguais e diferentes, fazendo frente às relações onde a diferença de idade, de formação, de origem social e pertença religiosa não é um obstáculo, ao contrário, é uma riqueza que potencializa a diferença como estratégia política para a sororidade.

Os ensaios de paz partem da *escuta consciente de si mesma e do amor de si*, sustentados em *relações de confiança e na coescuta*, de duas ou mais e em círculos de mulheres. Essas práticas são imprescindíveis para superar a ignorância destrutiva do próprio poder; para transcender o medo, fruto de crenças limitadoras; para não sucumbir à resignação fatalista que leva a obedecer aos mandatos e estereótipos culturais para sobreviver; e também, para dissolver a dissociação doentia entre o que uma mulher quer ser e o que a cultura lhe impõe, tão presentes nas estruturas de dominação patriarcal.

As duas fontes de experiência que temos lido e interpretado, a do evangelho e a dos círculos de mulheres da Comunidade de Sustentação à Vida, coincidem que o corpo é o espaço de empoderamento feminino para a transformação de si e do mundo. As linguagens e pedagogias de exploração corporal, tecidas com as práticas de escuta, onde cada uma toma a palavra para falar a partir de si, são mediações que facilitam o acesso à vida interna e do espírito e alargam a consciência para ressignificar os significados e relações sócio-simbólicas opressivas, descobrindo o corpo como o lugar onde acontece o real e verdadeiro na vida de uma mulher.

Nos itinerários para a paz vividos na Comunidade de Sustentação à Vida, uma prática central é a *leitura popular e ecumênica da Bíblia na perspectiva feminista*. O diálogo crítico com os textos do evangelho de Jesus por meio da prática do bibliodrama potencializa processos de transformação devido ao seu enfoque holístico. A leitura e interpretação da Bíblia é holística porque provoca *processos de ressignificação cognitiva e de interação sócio-emocional* através de pedagogias integrais. Não se trata somente de repensar o significado dos textos em si mesmos, mas de atuar uma mudança no processo de interpretação, relendo ideias e crenças e tomando consciência de sua



repercussão emocional. Essas práticas provocam uma mudança na vida emocional das mulheres que resulta positivamente na construção do poder pessoal e coletivo. Porque a mudança emocional ocorre quando se dá uma mudança de ideias, perdas, padrões de conduta negativos e ordens de submissão. A mudança de ideias e crenças que limitam e seu correlato na mudança emocional positiva potencializa a noção de poder das mulheres e inspira transformações na vida cotidiana. O fruto dessa prática de leitura bíblica é manifesto pelas participantes como *o descobrir um novo olhar de si que transcende a outros espaços* como a família, o bairro, os lugares de trabalho.

Dito de outro modo, essa transcendência da mudança individual frente aos espaços da vida cotidiana acontece quando as mulheres encontram outra ordem social que permite a experiência fé-confiança em si mesmas que cura e pacifica. Como nos mostrou o relato do evangelho que lemos, para que o empoderamento seja pleno e a vivência da paz possa enraizar, requer-se a *legitimação* da experiência feminina no espaço público. A legitimação pública da fé da mulher do evangelho é reconhecida por Jesus na bênção final como expressão de poder feminino que cura e salva. Nas práticas da Comunidade de Sustentação à Vida, cada círculo constitui-se como espaço que oferece outra ordem social. É dizer, um espaço público, sexuado, em feminino aberto à diversidade que habilita a necessária legitimação do saber e o poder das mulheres.

De modo especial, nos contextos sociais de violência frente às mulheres, de empobrecimento crescente e de segregação social por distintas razões, essas práticas de relações entre as mulheres em diálogo com as sabedorias guardadas na Bíblia manifestam-se como mediações políticas eficazes para a transformação. O tomar a palavra para falar, partindo de si, dizer a própria verdade vivida no corpo, construir com outras práticas e discursos de libertação são ações poderosas da política das mulheres, porque considera que o pessoal é político. São ações com impacto curador na subjetividade feminina que já não se percebem como loucas, desadaptadas, inadequadas, desqualificadas, perdidas e em risco de estar. As práticas de espiritualidade holística na perspectiva das mulheres são fonte de saúde e de empoderamento, de um bem-estar integral valorizado como um fim em si mesmo, que transcende o pessoal individual. Por isso, podem ver-se como uma revolução pacífica que alarga o horizonte vital de cada mulher e do seu entorno, libera o potencial de vida das comunidades e produz alegria e esperança como expressões concretas dos anseios de paz.

## *Referências*

- COTTER, W. Mark's Hero of the Twelfth-Year Miracles. En A.-J. L. (Org.), **A Feminist Companion to Mark** (p. 54-78). Cleveland: Pilgrim Press, 2001.
- DEWEY, J. Jesus' Healings of Women. Conformity and Non-Conformity to Dominant Cultural Values as Clues for Historical Reconstruction. In: J. H.-C. DEWEY, J., **DEWEY, J., Jesus' Healings of Women. Conformity and Non-Conformity to Dominant Cultural Values as Clues for HiSeminar Papers** (p. 178-193). Atlanta: SBL (1993).
- ESTÉVEZ LÓPEZ, E. Mujeres, memoria e identidad colectiva. In: VV.AA., **Mujeres sanadas, mujeres de virtud**, 2004.
- ESTÉVEZ LÓPEZ, E. (s.f.). **El poder de una mujer creyente. Cuerpo, identidad y discipulado en Mc 5,24b-34. Un estudio desde las ciencias sociales**. Estella: Verbo Divino.
- FIORINZA, S. **Wisdom Ways: Introducing Feminist Biblical Interpretation 1**. Michigan: Orbis Books, 2001.
- LOSTRACCO y WILKERSON. **Analyzing Short Stories (7th ed.)**. Dubuque: Kendall/Hunt Publishing Company, 2008.
- NAVARRO PUERTO, M. Amor de sí, amor de Dios, amor del prójimo. Una re-lectura feminista a partir de Mc 12, 28-34. **Seminario Género y Religión**. Trento: Istituto Trentino Science Religiose, 2004.
- NAVARRO, P. **Marcos**. Estella: Verbo Divino, 2006.
- NUSSBAUM. **Paisajes del pensamiento. La inteligencia de las emociones**. Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós, 2008.
- PIUSSI, A. Partir de si: necesidad y deseo. **DUODA Revista d'Estudis Feministes**, 2002.
- RIIS y WOODHEAD. **A Sociology of Religious Emotion**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- RINGE, S. A Gentile Woman's Story, Revisited: Mark 7, 24-31. En A.-J. L. (Org.), **A Feminist Companion to Mark 89**. Cleveland: Pilgrim Press, 2002.
- SCHÜSSLER FIORINZA, E. **But She Said. Feminist Practices of Biblical Interpretation**. Beacon Press, 1993.
- SOINTU y WOODHEAD. Spirituality, Gender, and Expressive Selfhood. **Journal for the Scientific Study of Religion**, 47.2, 2008.
- TOMMASI, W. ¿Segundo sexo o autoridad femenina? **Duoda Revista d'Estudis Feministes**, 18, 2000.

*Traduzido por Maristela Tezza e Vivian Aparecida da Cruz Rodrigues.*